



METODOLOGIA DA PESQUISA - AÇÃO



Seminário 8

DISCIPLINA: Metodologia Científica Aplicada
PROFESSORA: Sonia Afonso

EQUIPE: Andréia Maia, Humberto Carvalho, Mayara Amin,
Tamyres Narloch

Michel Jean Marie Thiollent



Figura 01: Capa do livro
Fonte: EDITORA CORTEZ, 2013

- Nasceu 1947 em Alta-Normandia
- É francês, está há 26 anos no Brasil, sociólogo, doutor em sociologia e economia (pela Sorbonne). É autor de livros como Metodologia da pesquisa-ação e Pesquisa-ação nas organizações.
- Suas áreas de estudos abrangem desenvolvimento local, extensão universitária, sistemas agroindustriais, inovação tecnológica e organizacional.

Capítulo 1

Estratégia de conhecimento

Partes 4, 5, 6, 7, 8 e 9

+



4- Formas de raciocínio e argumentação

Pesquisa

É necessário buscar ou comparar informações, articular conceitos, avaliar ou discutir resultados, elaborar generalizações. Constituem estrutura de raciocínio subjacente à pesquisa.

- Linha convencional - na estrutura de raciocínio subjacente à pesquisa, regras lógico-formais e critérios estatísticos que nem sempre respeitam na prática.
- Linha alternativa – estrutura de raciocínio mais flexíveis, no entanto, não excluem recursos hipotéticos, inferenciais e comprobatórios.

Os problemas tradicionais de raciocínio encontram apenas soluções diferentes. As soluções próprias à pesquisa alternativa merecem ser melhor conhecidas e ampliadas para que ela possa superar muitas das confusões que lhe são atribuídas.





4- Formas de raciocínio e argumentação

Lógica formal Clássica e Linha Alternativa

- Devido aos seus objetivos específicos e ao seu conteúdo social a proposta de pesquisa-ação está muito afastada das preocupações metodológicas relacionadas a formalização e questões de lógica em geral. Porém algumas questões sub existem.

Lógica formal clássica

- com formulações binárias - pouca valia para dar conta de características informais obtidas em situação comunicativa.

Linha alternativa

- pluralidade de lógicas e abordagens argumentativas que dão conta de raciocínios informais e de suas expressões em linguagem comum.

O que era considerado descartável por falta de coerência ou clareza lógica, hoje é resgatável. E a pesquisa não perde a legitimidade ao incorporar raciocínios imprecisos acerca de problemas relevantes. No entanto, a metodologia deve incluir no seu registro um estudo cuidadoso da linguagem em situação.





4- Formas de raciocínio e argumentação

Estrutura de raciocínio

Aspectos da estrutura de raciocínio subjacente à pesquisa-ação:

- Contém momentos de raciocínio de tipo inferencial, não limitados às inferências lógicas.
- Moldado por processos de argumentação ou diálogo de vários interlocutores.
- Objeto análise desta estrutura cognitiva não é mero jogo formalista.
- Objetivo: consistem em oferecer ao pesquisador melhores condições de compreensão, decifração, interpretação, análise e sínteses do material qualitativo gerado na situação investigativa.





4- Formas de raciocínio e argumentação

Argumentação x Diálogo

No processo investigativo, a argumentação se manifesta de modo particularmente significativo no decorrer das deliberações relativas à interpretação dos fatos, das informações ou das ações dos diferentes atores da situação.

A argumentação , designa várias formas de raciocínio que não se deixam enquadrar nas regras da lógica convencional, implicam num relacionamento entre os dois interlocutores tentando um deles convencer ou refutar seus argumentos.

Pode ser:

Diálogo

- caráter construtivo

Argumentação destrutiva

- quando houver polêmica



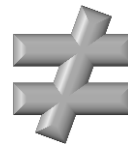
+ 4- Formas de raciocínio e argumentação

Argumentação



Antiguidade grega

o raciocínio próprio à argumentação era designado dialética, raciocínios articulados em situação de discussão, com vários graus de polemicidade.



Hegelianismo e marxismo

século XIX, os processos argumentativos eram cheios de ambigüidade e inutilizáveis como instrumentos de raciocínio rigoroso.

No contexto da pesquisa social, a noção de argumentação pode chegar a substituir a noção de demonstração. A noção de demonstração faz sentido em matemática, lógica e ciências exatas, no entanto nas ciências sociais a matematização é precária com estatísticas em dados empíricos. Na própria interpretação qualitativa dos resultados há aspectos argumentativos para dar sentido em função de objetivos científicos e extra científicos.

O objetivo dos pesquisadores exige preocupações metodológicas e minimização de aspectos científicos.



4- Formas de raciocínio e argumentação

Processo argumentativo

Perelmane Olbrechts-Tyteca, a teoria da argumentação não se enquadra na lógica formal e se limita ao conhecimento aproximativo. Em vez da estrutura lógico-formal, há na investigação social o reconhecimento de um processo argumentativo. Também não pretende-se fazer revisões a partir de cálculos numéricos, mas revisões argumentadas avaliando subjetivamente a probabilidade:

- Aplicando algumas noções de perspectiva argumentativa ao caso particular da pesquisa-ação, notamos que os argumentos se encontram:
- Na colocação de problemas a serem estudados conjuntamente por pesquisadores e participantes;
- Nas explicações ou soluções apresentadas pelos pesquisadores e são submetidas à discussão entre os participantes;
- Nas deliberações relativas à escolha dos meios de ação a serem implementados;
- Nas avaliações dos resultados da pesquisa e da correspondente ação desencadeada.

No decorrer do processo de investigação, os aspectos argumentativos são articulados em situações de discussão entre pesquisadores e participantes.





4- Formas de raciocínio e argumentação

Auditório

Todo o processo argumentativo supõe a existência de um auditório no sentido real e figurado. No contexto de pesquisa-ação, podemos imaginar a presença de um auditório em vários níveis:

- O auditório constituído pelos grupos participantes exercendo um papel ativo nos diversos tipos de seminários de pesquisa;
- O conjunto da população na qual a pesquisa é organizada e para o qual é dirigida uma série de informações;
- Os diferentes setores sociais não que não são incluídos mas sobre os quais o resultado da pesquisa exerce influência;
- Os setores acadêmicos interessados na pesquisa social e suscetíveis a dar palpites favoráveis ou desfavoráveis acerca dos pesquisadores e resultados.

No processo argumentativo, ao levarem em consideração a presença de um ou outro dos vários auditórios, os interlocutores não estão necessariamente procurando satisfação própria. Portanto, o investigador não aceita qualquer argumento, ele tem quer criticar os argumentos contrários ao ideal científico e promover os que fortalecem objetividade e racionalidade do raciocínio com flexibilidade.



+ 5- Hipóteses e comprovação

A pesquisa-ação é um procedimento capaz de explorar as situações e problemas para os quais é difícil formular hipóteses prévias e relacionadas com um pequeno número de variáveis precisas, isoláveis e quantificáveis.



- Muitos autores consideram que neste tipo de pesquisa não se aplica o tradicional esquema: formulação de hipóteses/coleta de dados/comprovação (ou refutação) de hipóteses;
- Mas devemos considerar que este tipo de pesquisa opera a partir de instruções de caráter menos rígido relativas ao modo de encarar os problemas identificados na situação investigada e relativa aos modos de ação;
- E com os resultados da pesquisa essas instruções podem sair fortalecidas ou serem alteradas, abandonadas ou substituídas;
- Trata-se de definir problemas de conhecimento ou de ação cujas possíveis soluções são consideradas como suposições; num primeiro momento; e num segundo momento, objeto de verificação, discriminação e comprovação em função das situações constatadas.

+ 5- Hipóteses e comprovação

O padrão convencional da pesquisa social empírica adota, em geral, um esquema hipotético baseado em comprovação estatística associado ao experimentalismo.



- O experimentalismo pode ser visto como uma filosofia da pesquisa de laboratório de acordo com a qual o pesquisador testa cada hipótese e altera certas variáveis para conhecer os efeitos de algumas delas sobre as outras;
- Os críticos alegam que trata-se de uma inadequada transposição das exigências das ciências da natureza, além disso, a relação entre as variáveis é geralmente concebida de modo causal e mecanicista onde os fenômenos não possuem o caráter de perfeita repetitividade, como no caso de fatos mecânicos, além disso, o pesquisador nunca é neutro dentro do campo observado. Também não há possibilidade de isolar os fatores intervenientes que dependem do contexto social ou histórico.
- Um outro aspecto negativo é que o pesquisador é frequentemente induzido a distorções quanto à observação dos fatos e à seleção das informações pertinentes;
- Dentro da concepção experimentalista, a hipótese é sobretudo considerada como suposição relacionando variáveis quantitativas a serem submetidas a testes estatísticos.

+ 5- Hipóteses e comprovação



- A flexibilização do raciocínio hipotético, de acordo com a qual a hipótese é uma suposição criativa que é capaz de nortear a pesquisa inclusive nos seus aspectos qualitativos é perfeitamente viável;
- Elas orientam, em particular, a busca de informação pertinente e as argumentações necessárias para aumentar, ou diminuir, o grau de certeza que podemos atribuir a elas;
- A formulação das hipóteses permite ao pesquisador organizar o raciocínio estabelecendo pontes entre as ideias gerais e as comprovações por meio de observação concreta;
- Apesar das aproximações ou das imprecisões, a hipótese qualitativa permite orientar o esforço de quem estiver pesquisando na direção de eventuais elementos de prova que mesmo não definitiva permitirá desenvolver a pesquisa. Com a hipótese e os meios colocados à disposição do pesquisador para refutá-la ou corroborá-la, a produção do discurso gerada pela pesquisa não perde o contato com a realidade e faz progredir o conhecimento.

+ 5- Hipóteses e comprovação

- Uma prova não precisa ser absolutamente rigorosa, muitas vezes basta uma boa refutação verbal ou uma boa argumentação favorável que leve em conta testemunhas e informações empíricas e permita que os participantes compartilhem uma noção de suficiente objetividade, convicção e justeza.
- Concluindo, a ênfase dada aos procedimentos argumentativos não exclui os procedimentos quantitativos. Estes são necessários para o balizamento dos problemas ou das soluções. O que deve ser descartado é a pretensão quantitativista que alguns pesquisadores têm de resolver todas as questões metodológicas da pesquisa exclusivamente por meio de medições de números.



+ 6. Inferências e generalização



- Na pesquisa social, a passagem entre o **nível local** (indivíduos, grupos restritos, locais de moradia, trabalho ou lazer) e o **nível global** (toda a sociedade ou um amplo setor de atividades) é sempre metodologicamente problemática;
- A relação envolve aspectos quantitativos e qualitativos;
- No plano **quantitativo**:
 - É possível usar recursos estatísticos: **técnicas de amostragem e inferência controlada**;
 - A **inferência** é considerada como passo de raciocínio na direção da generalização, o que corresponde à **indução**. Possui qualidades lógicas e meios de controle (testes apropriados);
 - Na pesquisa social há um grande espaço reservado aos raciocínios informais e aproximativos. Inferências generalizantes ou particularizantes, sem rigor lógico, são formuladas em linguagem comum (senso comum, bom senso) e não estabelecem necessariamente a **verdade**.

+ 6. Inferências e generalização



- No contexto **qualitativo** da pesquisa social, o problema da generalização situa-se em dois níveis:
 - **Dos pesquisadores:** estabelecem generalizações mais ou menos teóricas sobre as características do que foi observado;
 - **Dos participantes:** generalizam com menos abstrações e a partir de noções que lhes são familiares;
- Os pesquisadores devem ficar atentos para não confundir suas inferências com as dos outros participantes. As generalizações populares devem ser identificadas pelos pesquisadores e comparadas com as generalizações teóricas, a fim de que se entenda o real nível de intercompreensão;
- É importante saber que nem sempre as generalizações dos pesquisadores são de melhor qualidade, pois às vezes o bom senso popular está mais próximo do que se pode chamar de verdade, em termos realistas.

+ 6. Inferências e generalização



17/24

- As inferências generalizantes e particularizantes que são realizadas pelos pesquisadores são objeto de controle metodológico. Os pesquisadores não podem aceitar qualquer tipo de raciocínio ao nível da explicação ou da interpretação dos fatos e aplicam outros tipos de exigências em relação aos aspectos qualitativos das inferências. São elas:

Identificar os defeitos da generalização

Em muitas pesquisas locais, como no caso da pesquisa-ação, é possível até renunciar a generalizações superiores à situação investigada (não extrapolar conclusões).

Identificar as formas ideológicas que interferem na generalização

Não significa pesquisar sem nenhuma ideologia, mas basear suas generalizações em teorias explicitadas e na informação concreta.

+ 7. Conhecimento e ação



- A relação entre **conhecimento** e **ação** está no centro da problemática metodológica da pesquisa social voltada à ação coletiva;
- A relação entre **pesquisa social** e **ação** consiste em obter informações e conhecimentos selecionados em função de uma determinada ação de caráter social;
- Na relação entre **obtenção de conhecimento** e **direcionamento da ação** há espaço para um desdobramento do controle metodológico em controle ético;
- A real contribuição da pesquisa-ação em termos de conhecimento é frequentemente discutida, pois na prática nem todas as pesquisas-ação contribuem para a produção de conhecimentos novos.

+ 7. Conhecimento e ação



- A seguir estão listados os objetivos de conhecimento potencialmente alcançáveis em pesquisa-ação:
 - A coleta de informação original sobre situações ou atores em movimento;
 - A concretização de conhecimentos teóricos, obtida de modo dialogado na relação entre pesquisadores e membros representativos das situações ou problemas investigados;
 - A comparação das representações próprias aos vários interlocutores, a fim de comparar os saberes formal e informal sobre a resolução de várias categorias de problemas;
 - A produção de guias ou regras práticas para resolver os problemas e planejar as correspondentes ações;
 - Os ensinamentos positivos ou negativos quanto à conduta da ação e suas condições de sucesso;
 - Possíveis generalizações estabelecidas a partir de várias pesquisas semelhantes e com o aprimoramento da experiência dos pesquisadores.

+ 8. O alcance das transformações

- A pesquisa-ação pretende alcançar no campo social:
 - Realizações;
 - Ações efetivas;
 - Transformações;
 - Mudanças.
- Segundo Ezpeleta a noção de transformação da realidade tem sido usada erroneamente para designar fatos diversos, como:
 - Modificações de comportamento grupal;
 - Modificações de hábitos alimentares;
 - Fenômenos cognoscitivos de sujeitos individuais.
- “A noção de transformação é frequentemente assimilada à de mudança social” (p. 41)
- O alcance real da pesquisa-ação pode ser ocultado pela falta de definição das transformações. A pesquisa-ação geralmente está limitada a influenciar pequenos grupos, criando ilusões sobre a sua capacidade de revolucionar a sociedade.



+ 8. O alcance das transformações

- A ação transformadora deve ser considerada de forma realista e pode ser distinguida de algumas formas:
 - Os participantes conhecem os objetivos e a ação necessária: os pesquisadores devem assessorar as decisões e extrair ensinamentos;
 - Ação do tipo técnico: a ação deve ser definida em função de meios técnicos e econômicos;
 - Ação de caráter cultural, educacional ou político: pesquisadores e participantes devem avaliar os objetivos e os efeitos de forma realista.
- Pequenas mudanças na consciência de algumas pessoas não alteram o sistema social.
- “Não deve haver confusão a respeito do real alcance da pesquisa-ação quando é aplicada em campos de pequena ou média dimensão.” (p. 43)
- Segundo Paulo Freire:
 - Tomada de consciência: geralmente limitada a uma aproximação espontânea, sem caráter crítico;
 - Conscientização: desenvolvimento crítico.



+ 9. Função política e valores

- Seus aspectos dependem do grau de organização e autonomia dos grupos, fortalecidos pela pesquisa, que produz informação e aplica conhecimento para isso.
- Consiste em estreitar as relações entre a organização e sua base.
- Tem função de elucidação estratégica e tática na relação do ator com seus adversários, concorrentes ou aliados.
- Possui outros aspectos ligados ao tema da conscientização dos participantes da pesquisa e das pessoas para os quais os resultados são divulgados.
- Quando o grupo possui pouca autonomia, com polarização entre dirigentes e dirigidos, é difícil haver um consenso. Para que aconteça democracia na pesquisa social é necessário haver negociação, estabelecendo uma espécie de contrato de investigação acerca dos problemas e dos critérios.
- “A moralidade de uma pesquisa-ação depende sobretudo da moralidade da ação considerada e dos meios de investigação mobilizados.” (p. 44)



+ 9. Função política e valores

- Mesmo sendo possível recorrer a outras regras, algumas regras têm surgido a partir de experiências de pesquisa-ação:
 - Devem ser consultadas todas as partes ou grupos interessados;
 - Quando alguma das partes achar que o objetivo acordado da pesquisa não está sendo respeitado, a mesma tem o direito de parar a experiência;
 - Tanto participantes, quanto pesquisadores avaliam os resultados, que devem ser difundidos sem restrição.
- De acordo com Franck, o entrosamento da pesquisa e da ação não é o único objetivo, mas sim “como a pesquisa (...) poderia tornar-se útil à ação de simples cidadãos, organizações militantes, populações desfavorecidas e exploradas?”





Referência

- THIOLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 4. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988. 108 p.